

PERCURSOS DE IBN MARUÁN

Jorge de Alarcão*

RESUMO:

Ibn Maruán e al-Surunbáqi foram *muladis* que, nos finais do séc. IX e no contexto de uma grave crise do emirato omíada, se revoltaram contra Muhâmmad (852-886). O autor pretende reconstituir os movimentos dos dois caudilhos e identificar os lugares por onde andaram e onde se fixaram e sugere a sua participação na defesa de Coimbra nos anos imediatamente posteriores à reconquista da cidade em 878.

Palavras-chave: Ibn Maruán; al-Surunbáqi.

RÉSUMÉ:

Ibn Marwān et al-Surunbāqi furent des acteurs importants de la *fitna* de la fin du IX^e siècle, à l'époque de Muhammad (852-886). Cet article est un essai de reconstitution des mouvements des deux *muwalladēn* et d'identification des lieux mentionnés dans les chroniques arabes qui rapportent la révolte. Après la conquête de Coimbra en 878, Ibn Marwān et al-Surunbāqi ont peut-être séjourné pendant quelques années au sud de Coimbra et aidé les chrétiens dans la défense de la ville contre une éventuelle tentative de reprise par les Omeyyades de Cordoue.

Keywords: Ibn Marwān; al-Surunbāqi.

No tempo do emir Muhâmmad (852-886), deu-se no al-Andalus a primeira *fitna*, isto é, a primeira grande desordem política do mundo muçulmano peninsular. Surgiram então movimentos autonomistas, aos quais foi posto termo por Abd al-Rahmān III (912-961).

Os *muladis* (autóctones islamizados) Abd al-Rahmān Ibn Maruán Ibne Yunus al-Jillíqi (Abderamão filho de Marvão filho de lúnece, o Galego) e Sadún Ibne Fath al-Surunbáqi foram dois dos rebeldes notáveis dessa época.

As “guerras” de Ibn Maruán e de al-Surunbáqi (abreviaremos assim os nomes dos dois caudilhos) foram relatadas por autores árabes, designadamente Ibn Hayyán (que recolheu notícias de fontes mais antigas, perdidas) e têm sido tratadas por autores modernos (entre eles, LÉVI-PROVENÇAL, 1950, I: 295-299; MANZANO MORENO, 1991: 191-204; PICARD, 2000: 43-46; FRANCO MORENO, 2011). Poderemos nós trazer algo de novo, quando a ignorância do árabe nos não permite a leitura das fontes primárias? Não seremos nós juiz de causa própria; deixaremos ao leitor o veredicto, na esperança, porém, de que, a par com eventuais erros ou duvidosas hipóteses,

* Professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras de Coimbra. Membro do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

haja neste nosso trabalho propostas de que os especialistas da história hispano-muçulmana possam tirar algum proveito. Parece-nos que os dois caudilhos terão tido participação na conquista de Coimbra aos Muçulmanos em 878 e na subsequente defesa da cidade – e é este o ponto que nos interessa, mais do que o da fundação (ou ocupação?) da vila de Marvão por Ibne Maruán (assunto tratado por muitos, designadamente por SIDARUS, 1991 e MEULEMEESTER, DEWULF e GRANGÉ, 2011).

Uma das dificuldades com que nos deparamos na reconstituição dos movimentos de Ibn Maruán reside na identificação dos lugares referidos nas fontes árabes. Os topónimos de origem hispano-romana (alguns eventualmente de raiz pré-romana) foram transcritos para o árabe – e logo nessa transcrição podem ter sido cometidos erros. Estes são mais fáceis de entender quando se trata de pequenas localidades cujos nomes os cronistas árabes não encontravam escritos e reproduziam de ouvido – tanto mais que, possivelmente, os não teriam escutado directamente das populações locais, mas da voz de outras testemunhas. A fonética árabe, muito diferente da linguagem de origem hispano-romana, tornaria por vezes difícil a transcrição. Outros erros poderão dever-se a copistas. Autores modernos, traduzindo o árabe, podem ter cometido ainda outros erros ou feito duvidosas transliterações. Sendo comuns as dúvidas na restituição fonética dos grafemas árabes, editores ou tradutores podem ter feito interpretações pelo menos questionáveis.

O estabelecimento das correctas formas toponímicas não é, aliás, matéria para ser tratada no estrito campo filológico. Quando os topónimos se encontram num roteiro ou no relato de campanhas militares ou de movimentos de determinadas personagens (e é o caso de Ibn Maruán), temos de verificar se as identificações toponímicas tornam credíveis ou inverosímeis os percursos ou movimentos. Sustentaremos aqui que não nos parece aceitável a identificação, feita por Martim Velho (1981), de *Karkar* (lugar onde esteve Ibn Maruán) com o actual sítio de Cárquere (no concelho de Resende) – ainda que tal identificação tenha sido aceite por autores como MANZANO MORENO (1991) ou PICARD (2000).

Outra das dificuldades na reconstituição dos percursos de Ibn Maruán reside na correcta seriação dos acontecimentos, que nem sempre se deduz de forma inequívoca das fontes árabes, sobretudo quando uns autores se referem a algo que outros omitem: é então duvidosa a integração de todos os factos num único discurso cronologicamente ordenado.

A Ibn Maruán dão os autores árabes o cognome de Galego. Não deve o nome iludir-nos sobre a sua origem geográfica, pois a designação de *Calécia* ou *Galícia* não se limitava, no séc. IX ou X, a terras a norte do rio Minho ou do Douro. Um documento de Lorzão, datado de 933 (*DC*, doc. 37), situa o mosteiro *in finibus Gallecie*, “nos confins da Galécia”. É muito possível que, sobretudo para os autores árabes, Galécia tenha sido uma designação abrangente, aplicada ainda a terras a sul do Mondego. Podemos também perguntar-nos se o cognome de Galego não terá sido dado a Ibn Maruán por causa da sua simpatia pelos Cristãos do Norte. Veremos já que relações teve Ibn Maruán com Afonso III das Astúrias/Leão.

Ainda sobre as origens geográficas de Ibn Maruán (ou da sua família) diremos que talvez o caudilho descendesse de velha estirpe hispano-romana de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão) ou de Mérida. Aquela cidade romana estendia seu termo a terras hoje espanholas e confinava com o território da colónia de Mérida. O foral dado a Marvão em 1226 atribui à vila um extenso termo que poderá conservar memória dos antigos limites de *Ammaia*.

Quanto a al-Surunbâqi, seria originário de uma família de Beja (SIDARUS, 1990).

A família de Ibn Maruán estava no séc. X instalada em Mérida, e o pai do nosso caudilho chegou a ser governador da cidade. Foi assassinado em 828, no decurso de uma revolta ou agitação urbana (LÉVI-PROVENÇAL, 1950, I: 208; PICARD, 2000: 44).

Em 862, Ibne Maruán revoltou-se em Mérida contra o emir Muhâmmad. Este atacou a cidade, destruiu-a parcialmente e o revoltoso foi levado para Córdova – onde, porém, terá sido tratado não propriamente como prisioneiro, mas como homem vigiado.

Tendo conseguido sair da cidade, refugiou-se em Alange (Mérida). Aí cercado durante mais de três meses, em 874 ou 875, acabou por obter perdão de Muhâmmad e foi, de acordo com o emir, fixar-se em Badajoz, que era então modesto povoado (PICARD, 1981). Um seu neto terá ficado em Córdova como refém (LÉVI-PROVENÇAL, 1950, I: 297). Ibn Maruán não andaria então longe dos seus 50 anos.

Tendo Ibn Maruán incorrido logo depois, uma vez mais, na ira do emir (decerto por incumprimento do trato feito), Muhâmmad mandou contra ele um exército comandado por Hâshim e pelo príncipe herdeiro al-Mundir. Foi isto no início da Primavera de 876.

Ibn Maruán retirou-se de Badajoz e, tendo atravessado o *iqḷīm* ou distrito de *Mistāsa*, junto do Tejo, refugiou-se em *Munt Salūt*.

Cabe a Martim Velho o mérito de ter identificado *Munt Salut* com Monsalude, na área de Dornes, sobre o rio Zêzere.

A primeira referência a *Munt Salūt* reporta-se a 835, quando Mahmūd b. Abd al-Yabbār, um berbere da tribo de Masmūda, aí se refugiou. Este Mahmūd viria a fugir para junto de Afonso II das Astúrias e uma sua irmã, Jamila, foi mãe de um bispo de Santiago de Compostela (MANZANO MORENO, 1991: 190).

Se Monsalude ficava sobre o Zêzere, o local exacto do castelo não é determinável (CONDE, 2000: 64-66). Poderá corresponder a Dornes (Ferreira do Zêzere)? O nome de Monsalude aparece como designação de um reguengo em documento de D. Sancho I, datado de 1200 (DS, doc. 134). O rei doou então o reguengo, com seu castelo, a D. Pedro Afonso, filho bastardo de D. Afonso Henriques. Infelizmente, o documento não permite saber qual o lugar exacto do castelo – que, aliás, em 1200, poderia ser outro que não aquele em que Ibn Maruán se havia refugiado. O nome de Monsalude, que desapareceu da toponímia local, encontra-se registado em outros documentos até ao séc. XVI (BAIÃO, 1909: 259). Estes documentos confirmam a identificação da área mas não esclarecem a posição do castelo do séc. IX ou do séc. XIII.

Muito provavelmente, Ibn Maruán, saindo de Badajoz, tomou a velha estrada romana de Mérida a Santarém. Vinha esta por Elvas, Alter do Chão, Ponte de Sor e Mestas. Não longe desta área, seguia para Crucifixo (Abrantes) e atravessava o Tejo nas imediações de Constância. Na época romana, seguia para *Selium* (Tomar). Aqui encontrava a estrada, também romana, que vinha de *Olisipo* (Lisboa) por *Scallabis* (Santarém) e subia depois a *Conimbriga* e *Aeminium* (Coimbra).

Hâshim e al-Mundir, perseguindo Ibn Maruán, passaram por *M.qa.l.s*, no distrito de *Amsîn*, e por *S.m.b* (VELHO, 1981: 281; MANZANO MORENO, 1991: 195-196).

O primeiro nome tem sido entendido como *Maqalas* e não há, para ele, proposta séria de identificação. Perguntamo-nos se não se poderá restituir *Michaelis* – e aqui temos uma primeira dúvida de transliteração.

O culto de S. Miguel, muito relacionado (mas não exclusivamente) com montes, poderá remontar, na Península Ibérica, ao séc. VII e está seguramente atestado desde o último quartel do séc. IX (GARCÍA RODRÍGUEZ, 1966: 134-136; COSTA, 1997: 501; HENRIET, 2007; GOUVEIA, 2007). Não é improvável, pois, que Hâshim tenha passado por algum sítio que tivesse o santo como epónimo. Os arabistas dirão, porém, se *M.qa.l.s* é, ou não, compatível com a transliteração sugerida. Mesmo que o seja, ficamos sem saber onde ficaria esse lugar.

O texto de Ibn Hayyán refere que Hâshim atravessou o Tejo. Mas onde é que terá passado o rio? Aqueles lugares ficariam a sul ou a norte do Tejo? Manzano Moreno (1991: 196) situa-os a sul do Tejo. Se Hâshim veio pela mesma estrada de Ibn Maruán, por que razão não se menciona o mesmo lugar de *Mistāsa*?

Tendo em atenção que Hâshim, no seu caminho, recebeu dos habitantes de Cória e de *Egitania* (Idanha-a-Velha, então governada por Muhâmmad ben Taÿit), um preito de fidelidade (MANZANO MORENO, 1991: 187-188), podemos perguntar-nos se não passou pela Extremadura

(espanhola) e pela Beira Baixa, tendo tomado uma rota, também de origem romana, que ligava *Egitania* a *Selium*. Terá o general omíada aproveitado para reforçar o domínio cordovês naquelas cidades, ou para recrutar aí tropas que engrossassem o seu exército ou guias que o conduzissem?

Retomando os nomes de *Amsīn* e de *S.m.b*, não temos proposta de identificação para o primeiro. Quanto ao segundo, Martim Velho (1981: 281) leu *Samb*. O nome recorda-nos Sambado e Sambale, topónimos na área da Sertã. Se Hâshim veio pela estrada de Idanha-a-Velha a Tomar, terá passado por esta área. Materiais dos sécs. X-XI recolhidos no castelo da Sertã (BATATA, 1998: 75) demonstram a ocupação da vila nesta época. Porque a restituição *Samb* não é segura, porque também não é certo que Sambado e Sambale se devam interpretar como derivados de *Samb* (com os sufixos *-adis* e *-alis*), e porque o nome de Sambade se repete noutros lugares de Portugal e da Galiza e se encontra como nome pessoal na documentação da Alta Idade Média (MACHADO, 1993 e FERNANDES, 1999 s. v. Sambade), não podemos sustentar convictamente que *S. m. b* corresponde a lugar nas imediações da Sertã.

Ameaçado por Hâshim, que se aproximava, Ibn Maruán retirou de Monsalude para *Karkar* e mandou recado a al-Surunbâqi para que viesse socorrê-lo nesse lugar. Tendo-se posto logo a caminho, al-Surunbâqi chegou a *Karkar* na manhã do segundo dia de marcha.

Martim Velho (1981) identificou *Karkar* com Cárquere (Resende). A identificação parece-nos dificilmente sustentável, não por razões linguísticas, mas porque não vemos como ou porquê teria Ibn Maruán retirado para tão longe. A sequência dos acontecimentos deixa-nos crer, aliás, que todas as operações se realizaram a sul de Coimbra.

Cárquere foi povoação importante na época romana (ALARCÃO, 2005: 156-158). Talvez ainda o fosse nos sécs. X-XI. Uma inscrição de Mosteiro de Fráguas (Tondela) recorda um arquitecto de Cárquere (nome grafado *Carcere*) que, na segunda metade do séc. X ou na primeira do séc. XI, ergueu uma igreja naquela localidade (BARROCA, 2000, II (I), nº 49). No séc. XII, a povoação poderia estar muito diminuída da sua antiga importância, mas existia aí um mosteiro de bastante projecção nacional (LP, docs. 39 e 636).

Do ponto de vista linguístico, como dissemos, não pode haver objecção à identificação de *Karkar* com Cárquere de Resende; e porque o *Repertório Toponímico* não assinala, em Portugal, outra localidade com o mesmo nome, diríamos que Martim Velho tem razão.

O autor reforçou a sua argumentação dizendo que al-Surunbâqi se encontrava na *madinat Burtuqāl* quando recebeu recado de Ibn Maruán. Dizem-no Ibn al-Quttiyya e Ibn Hayyân (citados por MANZANO MORENO, 1991: 196). A *madinat Burtuqāl* corresponde certamente à cidade do Porto, reconquistada em 868. É irrelevante, para o caso, que Martim Velho, servindo-se de argumentos toponímicos, tenha situado al-Surunbâqi em Vila Nova de Gaia. Estando no Porto ou em Vila Nova de Gaia, al-Surunbâqi facilmente chegaria a Cárquere na manhã do segundo dia de marcha (quer este se entenda como dia seguinte ao da partida, quer se imagine que o caudilho demorou dois dias e duas noites).

É mais do que duvidoso, porém, que al-Surunbâqi estivesse então na *madinat Burtuqāl*. Se a sua presença aqui, em algum tempo antes de 876 (ou ainda no início do ano da hégira correspondente ao ano cristão de 876) parece inegável, parece também dever deduzir-se das fontes árabes que, deixando o Porto, al-Surunbâqi se dirigiu a Juromenha, vila então governada por um certo Makhul, também rebelde ou contestatário do poder do emir Muhâmmad (MANZANO MORENO, 1991: 198). Este movimento parece ter sido contemporâneo do cerco de Alange e anterior à primeira residência de Ibn Maruán em Badajoz. É possível que os dois caudilhos tenham retirado da área de Badajoz/Juromenha perante a ofensiva de Hâshim ou que al-Surunbâqi já tivesse partido para outro lugar mesmo antes do avanço de Hâshim. Não imaginamos, porém, onde poderia estar al-Surunbâqi quando Ibn Maruán, de Monsalude, o convocou a *Karkar*.

Como anteriormente vimos, Hâshim pode ter vindo, na peugada de Ibn Maruán, pela estrada de Badajoz/Elvas/Alter do Chão/Ponte de Sor/Constância – e, neste caso, aproximar-se-ia de

Monsalude pelo sul; mas também é possível que tenha tomado a estrada de Idanha-a-Velha a Tomar – e então alcançaria Monsalude pelo oriente.

A incerteza quanto ao percurso de Hâshim torna difícil imaginar qual terá sido o movimento de Ibn Maruán – tanto mais que, tratando-se de movimento estratégico, tanto podemos supô-lo como recuo (no sentido contrário ao da direcção de Hâshim), como avanço para uma posição eventualmente mais defensável. Se Hâshim veio pela estrada de Idanha-a-Velha a Tomar, o ponto mais estratégico para defesa de Ibn Maruán seria Dornes (pelas dificuldades de travessia do rio e pela posição dominante do lugar). Mesmo neste caso, porém, outros pontos, como S. Pedro do Castro ou Pedrógão Grande, seriam lugares de resistência convenientes. Por qualquer razão, Ibn Maruán poderia, todavia, ter-se antecipado em vez de ter recuado e ter tomado posição na Sertã ou em Isna.

Em trabalho anterior (ALARCÃO, 2012: 129-130) sugerimos, para Isna, uma origem em *Asina*. Revendo o assunto, reconhecemos agora o provável acerto de quem tem defendido que o topónimo deriva da palavra árabe *hisn*, “fortificação” ou “lugar fortificado”.

Não temos, porém, indícios de que Sertã ou Isna possam ter tido o nome de *Karkar* – ainda que, na freguesia (e concelho) da Sertã, haja o topónimo Vale de Cercera (não registado na Carta Militar de Portugal, escala 1:25000, mas constante do Livro Antigo de Matrizes Prediais da freguesia). Se hoje lemos o /c/ com valor de /ç/, o topónimo, se acaso remonta ao séc. IX, podia pronunciar-se então (ou ter sido originalmente pronunciado) com consoante palatal /k/ ou /qu/, como na inscrição atrás citada de Mosteiro de Fráguas.

Que razões nos levam a pensar que *Karkar* não corresponde a Cárquere de Resende, mas ficaria não longe de Monsalude?

Para além das dúvidas, já apresentadas, sobre se al-Surunbâqi se encontrava então na *madinat Burtuqāl*, e da falta de razoabilidade da hipótese de Ibn Maruán ter retirado para tão longe, temos, como argumento, a sequência dos acontecimentos.

Diz Ibn Hayán que, estando Ibn Maruán e al-Surunbâqi cercados em *Karkar* há um mês, o segundo, rompendo o cerco, fez uma surtida a Coimbra ou à sua região (MANZANO MORENO, 1991: 200-201). A cidade era então governada pelos Bānu Dānis. Picard (2000: 45) sugeriu mesmo a conquista de Coimbra por al-Surunbâqi e Ibn Maruán (e a sua posterior entrega a Afonso III). Nada nos indicia tal conquista – e o movimento de al-Surunbâqi a Coimbra pode entender-se como campanha para complicar a situação militar dos Muçulmanos ou para evitar que os Bānu Dānis viessem juntar-se às tropas de Hâshim.

Hâshim, deixando tropas em *Karkar* para manterem o cerco a Ibn Maruán, partiu na direcção de Coimbra, em perseguição de al-Surunbâqi. Veio este ao seu encontro (terá sido em Julho de 876) e, atravessado o rio *Ashad*, derrotou o general e levou-o prisioneiro para Monsalude.

Martim Velho (1981) identificou o rio *Ashad* com o Zêzere. Não se apercebeu o autor da incongruência em que incorria. Se *Karkar* era Cárquere, que estranho movimento teriam feito al-Surunbâqi e Hâshim, vindo de Resende a Coimbra e atravessando depois o rio Zêzere! Se, pelo contrário, localizarmos *Karkar* não muito longe de Monsalude, a movimentação poderá entender-se.

A identificação do rio *Ashad* com o Zêzere não é segura. O Zêzere aparece consistentemente como *Ozezar* ou *Uzezar* na documentação dos sécs. XII e XIII e não vemos possibilidade de relacionar linguisticamente este nome com *Ashad*. Não podemos, é certo, afastar a possibilidade de o rio ter sido conhecido por dois nomes de diferente origem etimológica. Mas o *Ashad* seria mesmo o Zêzere?

Admitindo que *Ashad* seja correcta transcrição do nome árabe, e que este corresponda a mera transliteração do nome dado pela população de raiz hispano-romana, e admitindo ainda que o nome teria persistido, a forma actual poderia ser, eventualmente, Achada. O topónimo repete-se na zona de Caxarias/Gondemaria/Olival (Vila Nova de Ourém) como nome de área e de lugarejo (Achada do Cachimbo, Achada do Olival e Achada do Pontão). Também aí se encontra o topónimo Chada.

A hipotética situação do *Ashad* na área de Caxarias enfrenta, porém, uma dificuldade: se a área é percorrida por numerosas linhas de água, nenhuma parece suficientemente importante para merecer menção numa crónica árabe. O rio que, de maior caudal, corre nas proximidades é o Nabão, mas não temos indício de que em algum tempo se tenha chamado Achade. O nome de Nabão poderá não ser muito antigo. No séc. XII, o rio era chamado Tomar. Este nome, sim, poderá ser antigo, pois, em época romana, havia um rio *Tamaris* na área dos *Celtici* do extremo Noroeste peninsular (MELA III 1,11; GARCÍA ALONSO, 2003: 139). A evolução *Tamaris* > *Tamare* > Tomar é possível. Numa doação de D. Afonso Henriques ao mosteiro de *Tomaréis* (*DR*, doc. 309, de 1172) acha-se referência ao *rivulum que dicitur Tomarel* – e este nome é diminutivo de Tomar.

Entre Santarém e Torres Novas existe a vila de Achete, que mantém o /t/ sem o abrandamento normal (ou frequente) em /d/. Se o rio *Ashad* ficava para este lado, Ibn Maruán teria retirado de Monsalude para sudoeste.

Retomando o nome de *Karkar*, talvez se possa admitir que o topónimo derive de *quercus*, “carvalho”. *Karkar* estará por *Quercaris* ou *Quercare*? Este nome poderia ter dado, na nossa língua, Cercal. Se é certo que Cercal deriva de *Quercalis*, a fácil troca do /r/ pelo /l/ permite encarar a eventualidade de *Quercaris* > Cercal. O nome Cercal existe naquela área de Caxarias/ /Gondemaria/Olival, mas é tão comum em todo o país que, mesmo admitindo a nossa hipotética etimologia, não podemos apostar na localização de *Karkar* na área de Vila Nova de Ourém.

Na hipótese de *Karkar* se encontrar na área da Sertã ou de Isna, faria sentido a identificação do *Ashad* com o Zêzere ou com algum dos seus afluentes, por exemplo, a ribeira hoje chamada de Alge.

Renunciando à identificação exacta do lugar de *Karkar* e à do rio *Ashad*, sustentaremos que a hipótese de aquele lugar ficar perto de Monsalude e, portanto, na área de Dornes, é a que melhor permite entender os movimentos. De *Karkar*, a sul de Coimbra, al-Surunbâqi teria ido àquela cidade; Hâshim teria ido em sua perseguição; e al-Surunbâqi, regressando, teria encontrado o general omíada no caminho, tê-lo-ia feito prisioneiro e conduzido a Monsalude. Esta suposta movimentação também se coaduna melhor com a referência de que os dois caudilhos levaram depois Hâshim para Lisboa. Valorizando esta última, não deixaremos de interrogar-nos sobre se *Karkar*, afinal, não poderia mesmo encontrar-se para os lados de Tomar ou Santarém. Neste caso, continuaria a fazer sentido a surtida de al-Surunbâqi a Coimbra. Poderíamos valorizar aqui a referência de autores árabes à residência que al-Surumbâqi teve, em algum tempo, num monte entre Santarém e Coimbra; mas, como veremos adiante, é possível que o caudilho tenha tido essa residência em época posterior aos acontecimentos de que acabámos de ocupar-nos.

Depois da prisão de Hâshim, os caudilhos atacaram a região de Lisboa. Pouco depois, Ibn Maruán fixou-se em Marvão, donde atacou as *kuras* de Beja e Ossónoba. A contestação local que entretanto surgiu em Marvão levou-o a pedir a intervenção de Afonso III, que acorreu e o levou para terras cristãs (MANZANO MORENO, 1991: 201-202; MEULEMEESTER, DEWULF e GRANGÉ, 2011: 291-294).

Diz Ibn Hayyân que Ibn Maruán passou oito anos em terras de Afonso III, num lugar chamado *b.t.r.l.s.t* e que, no fim desse tempo, regressou a Badajoz.

Tomando por bom o prazo de oito anos, podemos pensar que corresponde ao período de 876 a 884. Na primeira daquelas datas, Ibn Maruán veio, como vimos, para Monsalude. Em 884, Afonso III celebrou uma trégua com Muhâmmad – e talvez, nos termos desse acordo, alguma cláusula tenha concedido perdão a Ibn Maruán e autorização para regressar a Badajoz.

Martim Velho (1981: 277) identificou *b.r.t.l.s.t*, com Pedra da Lousa, na serra de Montemuro. Manzano Moreno (1991: 202) não discordou; Picard (2000: 46) tem dúvidas na identificação.

Em termos estratégicos, e pelo menos depois de 878 (data da conquista de Coimbra aos Mouros por Hermenegildo Guterres), seria talvez mais útil a Afonso III a fixação de Ibn Maruán na serra da Lousã ou algures nas margens do Zêzere. O caudilho, aí estabelecido, ajudaria à defesa

de Coimbra contra qualquer tentativa de retomada da cidade pelas tropas omíadas.

Na serra da Lousã e nas serranias por onde corre o Zêzere são comuns os topónimos que incluem a palavra Lousa – o que, aliás, se explica pela constituição geológica dos terrenos. Não nos podemos esquecer, porém, de que Ibn Hayyán, referindo-se a *b.t.r.l.s.t*, parece situar o lugar junto do Douro (VELHO, 1981: 282; MANZANO MORENO, 1991: 202).

A fixação de Ibn Maruán numa suposta *Bitra Lousa* parece, todavia, contraditada pela informação de Ibn Haldūn, que diz ter-se estabelecido o caudilho num lugar chamado *Antaniyya* (MANZANO MORENO, 1991: 203; PICARD, 2000: 46).

A identificação de *Antaniyya* com *Egitania*, proposta por Lévi-Provençal (1950, I: 299) e seguida por muitos outros autores não tem fundamento sério. *Egitania*, aliás, não seria chamada pelos árabes nem *Antaniyya* nem *Lajdaniyya*. Nos fins do séc. IX, é provável que a pronúncia fosse *Ajdânia* (ALARCÃO, 2012: 117-118).

Martim Velho (1981: 296-303) sustentou a identificação de *Antaniyya* com Ateanha (Ansião) e a identificação foi aceite por Manzano Moreno (1991: 203). Em Ateanha, Ibn Maruán cumpriria a hipotética função de defender a cidade de Coimbra. Não podemos, porém, basear a identificação de *Antaniyya* com Ateanha naquilo que é apenas uma hipótese de disposição estratégica; e aceitando como correcta a leitura *Antaniyya*, há dificuldades linguísticas naquela identificação.

A evolução normal seria *Antaniyya* > *Antanha*. O desaparecimento do /-n-/ da raiz *Ant-* poderia aceitar-se pensando em *mensa* > mesa ou nas formas medievais *iffante* por “infante” ou *mes-segeiro* por “messageiro”. A verdade, porém, é que a raiz indo-europeia *Ant-* geralmente mantém-se, como em Antuzede ou Antanol (citando apenas dois topónimos da região de Coimbra). Por outro lado, o nome de Ateanha parece explicar-se pelo (ou relacionar-se com o) antropónimo hispano-romano *Attianus* (que, aliás, se regista em Tomar e Ferreira do Zêzere, *vid. Atlas antroponímico*) ou com o antropónimo germânico *Attila* (MACHADO, 1993).

No início deste artigo aludimos aos erros que podem ter sido cometidos em transliterações de uma a outra língua e às dúvidas com que podemos acolher transliterações do árabe para as línguas modernas. Reforçamos a nossa observação recorrendo aos erros que se encontram em manuscritos medievais mesmo quando os copistas se moviam no mesmo horizonte linguístico e não tinham de fazer transliterações de uma língua a outra; e daremos, como exemplo, o nome de *Antunane* (moderna Antuã) que, no *Parochiale Suevum*, aparece também com as grafias *Antusiane*, *Astusiane*, *Astrussiane*, *Asturiane*, *Astrucione* (DAVID, 1947: 37).

Na *Crónica de Albelda* (FERNÁNDEZ, MORALEJO e RUÍZ DE LA MATA, 1985: 176-177) lê-se, a propósito de Afonso III: *Dezzam castrum iste cepit, Antezam pace adquisivit, Conimbriam ab inimicis possessam eremavit et Gallecis postea populavit*, “tomou o castelo de Dezza, obteve Anteza pacificamente, tomou Coimbra ao inimigo e depois povoou-a de Galegos”.

Interessa agora pouco a identificação da origem dos Galegos (que, dada a extensão do termo *Gallecia*, seriam homens vindos do norte, mas não, necessariamente, da actual Galiza). Também não interessa muito discutir se *populavit* se deve entender no sentido de trazer colonos ou repovoadores ou antes no sentido de entregar o governo da cidade a família(s) de homens do Norte.

Numa versão da *Chronica Gothorum* publicada em *Scriptores*, e naquele passo correspondente às conquistas de Afonso III, lê-se: *cepit namquem castrum quod dicitur Nazam, Anteneam pace acquisivit, Conimbricam possessam heremitavit...* Numa outra versão temos *Antiensem* por *Anteneam*.

Na *Chronica Gothorum* temos, pois, *Nazam* por *Dezzam* da *Crónica de Albelda* e *Anteneam* ou *Antiensem* por *Antezam* da mesma crónica.

Com tantas divergências, é duvidoso (ou mesmo arbitrário) restituir *Deça* e *Antenea*; mas não é menos duvidoso (ou arbitrário) considerar como correctas as formas *Naza* (ou Naça) e *Anteza* (ou Anteza) ou *Antiense*. Também é duvidoso identificar esta última localidade com Atienza, como por vários autores tem sido proposto.

Admitindo como correcta a forma *Antenea* da *Chronica Gothorum*, não podemos deixar de assinalar a aparente concordância de *Antenea* e *Antaniyya*. Mas onde ficaria esta localidade?

A referência a *Dezza* (ou Deça) e a *Antenea* no mesmo passo em que se fala de Coimbra sugere (mas não prova) a vizinhança dos lugares. Deça ficaria perto do rio Dueça, que corre imediatamente a oriente de Penela? E *Antaniyya* / *Antenea* não ficaria muito longe?

Em conclusão: se a correspondência de Ateanha com a *Antaniyya* onde Ibn Maruán se fixou tem plausibilidade em termos estratégicos, as dificuldades de relação linguística de Ateanha com *Antaniyya* obrigam-nos a acolher com muita reserva tal identificação.

Não podemos, porém, deixar de assinalar que, entre Ateanha, Alvorge e Pombalinho (no concelho de Ansião), são vários os topónimos de origem árabe: Alvorge (“a torre”), Alcalamouque, Aljazedede, Façalamim.

Este último (de *Fahs al-Amir*) significa “campo do emir”. O nome perdeu-se e a localização de Façalamim continua a ser discutida (ARNAUT, 1939: 10; COUTINHO, 1986: 180-187; RODRIGUES e GOMES, 2012: 60-64). Não se deve procurar uma aldeia, visto que o documento mais antigo em que encontramos o nome (*DR*, doc. 182; *LS*, doc. 9) (doação da herdade do Alvorge por D. Afonso Henriques ao mosteiro de Santa Cruz, em 1141) fala dos *casales de Fazalamir*, da *garganta Fazalamir* e do *lombum Fazalamir*. O documento delimita a herdade *ab oriente*, isto é, partindo do lado oriental, por onde a herdade confrontava com terras dos Templários. Ora os Templários tinham Soure, e seria com estas terras sourenses que a herdade do Alvorge confrontaria, mas pelo ocidente. Admitindo, no documento, um erro de *ab oriente* por *ab occidente*, a delimitação segue o movimento contrário ao dos ponteiros do relógio. Entenderemos assim melhor a sequência dos lugares mencionados como limites, e situaremos aqueles casais, aquela garganta (ou passagem entre montes) e aquele lombo (ou cumeada) imediatamente a sudeste, oriente e nordeste de Ateanha.

Ainda que tardio, não deve ignorar-se um testemunho do séc. XVII, que fala da *Senhora da Orada de Façalamim* (RODRIGUES e GOMES, 2012: 63). A ermida da Senhora da Orada fica entre Santiago da Guarda e Monte Alvão, muito perto deste último. Sendo tardio o testemunho, e admissível que o nome de Façalamim tivesse no séc. XVII uma extensão que não seria a do séc. XII, inclinamo-nos todavia para considerar que o “campo do emir” não deve tomar-se no sentido de uma courela ou pequena área, mas no de uma área vasta que, inicialmente, até poderia ultrapassar os limites de Ateanha (a oriente) e de Alvorge (a ocidente). Não seria inadequado “traduzir” Façalamim por “várzea do emir”, visto que na área indicada se multiplica o topónimo Várzea, com ou sem determinativo. Ficaria o “campo” entre a velha estrada romana de *Selium* (Tomar) a Conimbriga e uma outra via (de origem mais duvidosa, mas já existente no séc. XII) que, vinda do sul, alcançava Penela.

O emir seria Ibn Maruán ou al-Surunbâqi?

Al-Surunbâqi, como vimos atrás, fixou-se num monte, que tomou o seu nome, entre Santarém e Coimbra (VELHO, 1981: 284-285; SIDARUS, 1991: 20, citando Ibn Hayyán). Ora numa Inquirição de 1262 (ARNAUT, 1939, doc. XIV, p. XLVI) encontra-se o topónimo *Cirembaga*. Pelo contexto, parece depreender-se que o lugar ficava entre Alvorge, Trás de Figueiró, Torre de Vale de Todos e Monte Alvão. Martim Velho (1981: 285) considerou *Cirembaga* como deturpação de Surunbâqi. Tem o autor, provavelmente, razão. O lugar onde al-Surunbâqi se fixou ficaria na área de Alvorge? Ter-se-ão fixado os dois caudilhos muito próximos um do outro, dominando os acessos a Coimbra pelo sul, e, portanto, em posições estratégicas para a defesa da cidade reconquistada em 878?

Voltando ainda a Ibn Maruán, este fixou-se, finalmente, em Badajoz. As relações com o emir eram, todavia, tensas. Ibn Maruán ameaçou retirar-se para Marvão. Muhâmmad recuou então na sua hostilidade ou desconfiança e, de boa vontade ou a contragosto, com ou sem condições ou garantias, acabou por apoiar Ibn Maruán na construção de uma mesquita e de uns banhos em

Badajoz. E assim se tornou centro urbano relevante o que até então não teria passado de um modesto povoado (PICARD, 1981).

Não consideramos provada nenhuma das hipóteses apresentadas neste artigo. Os percursos de Ibn Maruán e de al-Surunbâqi continuam duvidosos. Cabe aos arabistas a releitura dos textos árabes, para verificarem a viabilidade do que propusemos, quer quanto à identificação dos lugares, quer quanto aos movimentos; e cabe aos arqueólogos o papel de explorarem as áreas de Ateanha e Alvorge, procurando testemunhos de uma ocupação dos finais do séc. IX.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Jorge de (2005), “O território dos *Paesuri* e as suas principais povoações”. *Conimbriga*, 44, Coimbra, pp. 147-171
- ____ (2012), “Notas de Arqueologia, Epigrafia e Toponímia. VI”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15, Lisboa, pp. 113-137
- ARNAUT, Salvador Dias (1939), *Ladeira e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique*, Coimbra, Casa do Castelo
- Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida: Fundación de Estudios Romanos/Bordeus, Ausonius, 2003
- BAIÃO, António (1909), “A villa e o concelho de Ferreira do Zêzere nos séculos XV e XVI”. *O Archeologo Português*, 14, Lisboa, pp. 132-169 e 265-294
- BATATA, Carlos (1998), *Carta arqueológica do concelho da Sertã*, Sertã, Câmara Municipal
- BOUET, Pierre; OTRANTO, Giorgio; VAUCHEZ, André (coords.) (2007), *Culto e santuari di san Michele nell' Europa medievale*, Bari, Epiduglia
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (2000), *Uma paisagem humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. 2 vols, Cascais, *Patrimonia*
- COSTA, Avelino de Jesus da (1997), *O bispo D. Pedro e a organização da arquidiocese de Braga*, Vol. I. Braga, Irmandade de S. Bento da Porta Aberta
- COUTINHO, José Eduardo Reis (1986), *Ansião. Perspectiva global da Arqueologia, História e Arte da vila e do concelho*, Coimbra, Ed. do Autor
- DAVID, Pierre (1947), *Études historiques sur la Galice et le Portugal du V^e au XII^e siècle*, Lisboa, Livraria Portugália Editora; Paris, Les Belles-Lettres
- DC = Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et chartae*, Lisboa: Academia das Ciências, 1867-1873
- DOZY, R. (1932), *Histoire des musulmans d'Espagne jusqu'à la conquête de l' Andalousie par les almoravides (711-1110)*, 3 vols, Leyde: E. J. Brill
- DR = Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*, ed. de AZEVEDO, Rui de. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1958-1962
- DS = AZEVEDO, Rui de; COSTA, Avelino de Jesus da; PEREIRA, Marcelino Rodrigues (1979) – Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*, Coimbra, Centro de História da Universidade de Coimbra
- FERNANDES, A. de Almeida (1999), *Toponímia portuguesa (Exame a um dicionário)*, Arouca, Associação para a Defesa da Cultura Arouquense
- FERNÁNDEZ, Juan Gil; MORALEJO, José L.; RUÍZ DE LA PEÑA, Juan I. (1985), *Crónicas asturianas*, Oviedo, Universidad de Oviedo
- FRANCO MORENO, Bruno (2011), “La revuelta de Abd al-Rahman bn Marwán al-Ylliqi ben Yunus en el occidente de Al-Andalus: itinerário e asentamientos”. In *III Jornadas de Arqueologia e Historia Medieval*, Mérida, Consorcio Ciudad Monumental Historico-Artística e Arqueológica, pp. 275-295

- GARCÍA ALONSO, Juan L. (2003), *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolemeo*, Vitória/Gasteiz, Universidad del País Vasco
- GARCÍA RODRÍGUEZ, Carmen (1966), *El culto de los santos en la España romana y visigoda*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas
- GOUVEIA, Mário de (2007), “S. Miguel na religiosidade moçárabe (Portugal, séc. IX-XI)”. In BOUET, OTRANTO e VAUCHEZ, 2007, pp. 81-112
- HENRIET, Patrick (2007), “*Protector et defensor omnium*. Le culte de saint Michel en péninsule Ibérique ». In BOUET, OTRANTO e VAUCHEZ, 2007, pp. 113-131
- LÉVI-PROVENÇAL, F. (1950), *Histoire de l’Espagne musulmane*, 3 vols., Paris, Maisonneuve & C^{ie} / Leiden, E. J. Brill
- LP = *Livro Preto. Cartulário da Sé de Coimbra*. Edição crítica. Texto integral. Direcção e coordenação editorial de RODRIGUES, Manuel Augusto e COSTA, Avelino de Jesus da, Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1999
- LS = *Livro Santo de Santa Cruz (Cartulário do séc. XII)*. Edição preparada por VENTURA, Leontina e FARIA, Ana Santiago, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1990
- MACHADO, José Pedro (1993), *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte
- MANZANO MORENO, Eduardo (1991), *La frontera de al-Andalus en época de los Omeyas*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas
- MELA, *De Chorographia*. In *Fontes Hispaniae Antiquae*, VII, Barcelona, Instituto de Arqueología y Prehistoria
- MEULEMEESTER, Johnny de; DEWULF, Joke; GRANGÉ, Mathieu (2011), “Premiers résultats d’ un projet de recherche d’ archéologie du paysage dans la basse vallée du *Wadi S. bir* (Rio Sever): le territoire d’ Ammaia/Marvão de l’ Antiquité tardive au Moyen Âge». In CARNEIRO, André et alii (eds.), *Arqueologia do Norte Alentejano. Comunicações das 3^{as} Jornadas*, Lisboa, Colibri / Fronteira: Câmara Municipal, pp. 287-310
- PEÑA SOLAR, J. Ignacio Ruiz de la (1995), “La monarquía asturiana”. In *El reino de León en la Alta Edad Média, III, La monarquía astur-leonesa, de Pelayo a Alfonso VI (718-1109)*, León, Centro de Estudios e Investigaciones «San Isidoro», pp. 9-127
- PICARD, Christophe (1981), “La fondation de Badajoz par Abd al-Rahmân ibn Yunus al-Jillikî (fin IX^e siècle)”. *Revue des Études Islamiques*, 49, Paris, pp. 215-229
- (2000), *Le Portugal musulman (VIII^e-XIII^e siècle). L’occident d’ al-Andalus sous domination islamique*, Paris, Maisonneuve et Larose
- Repertório Toponímico de Portugal*. Lisboa: Serviço Cartográfico do Exército, 1967
- RODRIGUES, Mário Rui Simões e GOMES, Saul António (2012), *Notícias e Memórias Paroquiais setecentistas. 10. Ansião*, Coimbra, Palimage
- Scriptores = Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*, Lisboa, Academia das Ciências, 1856
- SIDARUS, Adel (1990), “O Alentejo durante a dissidência luso-muçulmana do séc. IX-X”. In *Nós e a História. Actas do Encontro Regional de História (Universidade de Évora)*, s. ed., pp. 31-44. Também em VIGUERA MOLÍNS, M^a Jesús e CASTILLO, Concepción (coords.), *El esplendor de los Omeyas cordobeses: la civilización muçulmana de Europa occidental*, Granada, El legado andalusí, 2001, pp. 160-167
- (1991), “Amaia de Ibn Maruán: Marvão”. *Ibn Maruán*, 1, Marvão, pp. 13-26
- VELHO, Martim (1981), “Ibn Marwan (Ibn al-Djilliki) e Sadun Surunbaqi. A localização de Monsalude”. *Proceedings of the ninth Congress of the Union Européenne d’ Arabisants et Islamisants*, Leiden, pp. 270-287



Fig. 1 – Mapa de Portugal, com indicação de algumas localidades mencionadas neste artigo

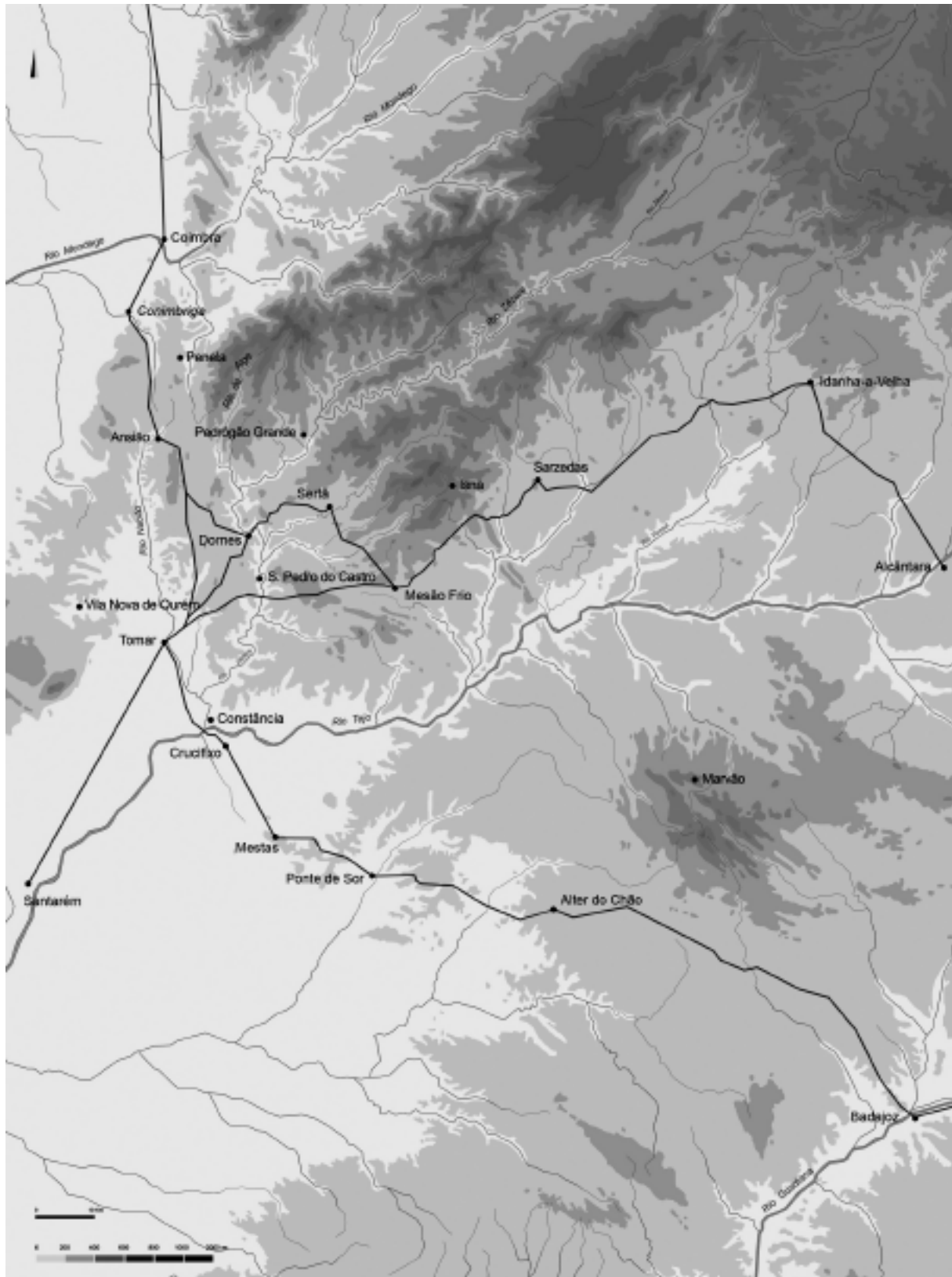


Fig. 2 – Mapa da área por onde terá andado Ibn Maruán em 876

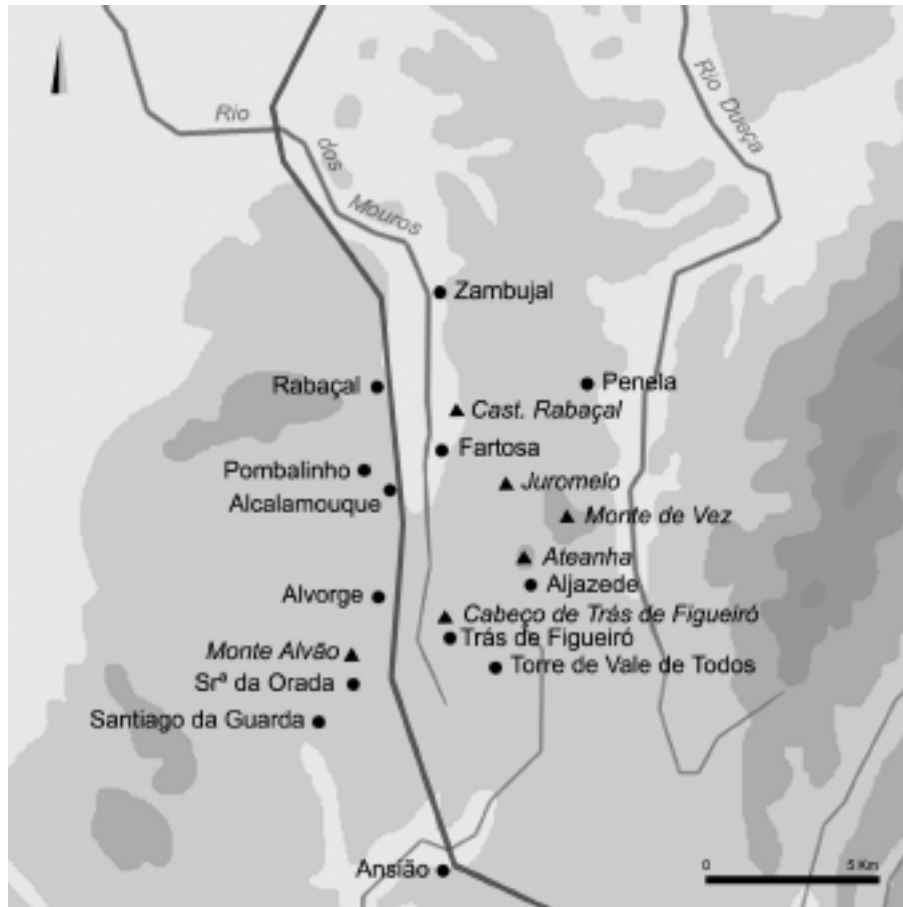


Fig. 3 – Mapa da área onde se poderão ter estabelecido Ibn Maruán e/ou al-Surunbáqi